DOS PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS DO CONHECIMENTO HUMANTO

NOÇÕES FUNDAMENTAIS DA FILOSOFIA REFORMADA

A *quididade*, como já dita, corresponde aquela resposta que os homens, em busca de conhecer, dão às coisas em que nos perguntamos o que é, ou seja, *quid sit*? Esta resposta deve compreender uma definição cabal à coisa, desconsiderando todos os aspectos acidentais, portanto, visando aquilo que é essencial a coisa.

- ESSENCIAL[1]: trata-se daquilo que eu quero dizer da coisa enquanto tal, desconsiderando qualquer característica indiferente ao que a coisa é. Ou seja, estou querendo consignar um princípio universal da coisa para além de seus indivíduos e características singulares, e nos termos de Calderón, tudo aquilo que é relativo a «*aquilo que a coisa é*», ou à quididade da coisa.
- ACIDENTAL[2]: pode-se dizer acidentalmente de dois modos: (1) aquela característica *tão ligada a essência* que nos causa estranheza quando não a percebemos em algo que é comum, ainda que sua ausência não seja propriamente uma mudança radical na coisa percebida, chamamos este acidente de *próprio* ou *propriedade*; (2) aquela característica *tão ligada ao indivíduo* que pode ou não pode estar nele e, ainda, é indiferente na compreensão quididativa, esta é o mais comumente chamado de *acidente*. Por esta razão, ser branco, negro, gordo ou magro são acidentes mais ligadas ao indivíduo, enquanto aquela disposição a rir, ter humor e ser social é uma propriedade que decorre da essência de homem.

Os sentidos percebem os acidentes nas coisas e o intelecto, por meio da abstração, busca separar dos acidentes a compreensão essencial dela. Daqui concluímos que há algo por detrás

---

[1] Essência vem do latim *essentia* que tem fundamento no verbo *esse* que significa SER. Usemos, por exemplo, a palavra *vivência* que tem fundamento em *viver* e o termo *ciência* é compreendido a partir do termo latino *scire*, que significa *saber*. Perceba que os termos terminados em *-encia* constituem formas abstratas do ato de seus respectivos verbos. Portanto, assim como vivência refere-se ao ato de viver, ciência ao ato de saber, a essência compreende o ato de ser.

[2] Acidente vem de *accidens* que compreende duas palavras latina, a primeira a preposição *ad* que significa "para", "em direção à", e o verbo *cadere* que significa "cair". Portanto, podemos considerar a palavra, em seu todo, como significando "*cair sobre*", "*sobrevir*", "*acontecer*".

das coisas sensíveis, algo como que estivesse debaixo dos acidentes que o intelecto busca extrair separando a essência das coisas que lhe são indiferentes, chegamos ao conceito filosófico de SUBSTÂNCIA.

Conclui-se que, dado as coisas consideradas sujeitos de acidentes e essência, são em decorrência disto substâncias, isto é, que existem essencialmente e, por existirem concretamente, estão sujeitos a acidentes. Quando o intelecto olha para algo da realidade e pergunta *quid sit,* sua intenção não é definir a coisa percebida por acidentes, características ou atributos meramente individuais, mas encontrar na coisa um princípio de universalização pela qual não só aquele indivíduo, mas todos os seus semelhantes possam ter em comum o nome e a noção, em outras palavras, compreender o que aquilo é enquanto essencialmente, isto podemos chamar, por agora, de QUIDIDADE.

A relação do ente com as coisas e suas intenções

Sendo o objeto do intelecto o ente[3], devemos considerá-lo de dois modos:

(1) enquanto independente da consideração do intelecto, as coisas são o que são, neste caso, denominamos tais coisas de ENTES REAIS;

(2) enquanto consideradas pelo intelecto, estes entes existem em nosso intelecto a partir da consideração concreta das coisas, estes são os ENTES DE RAZÃO.

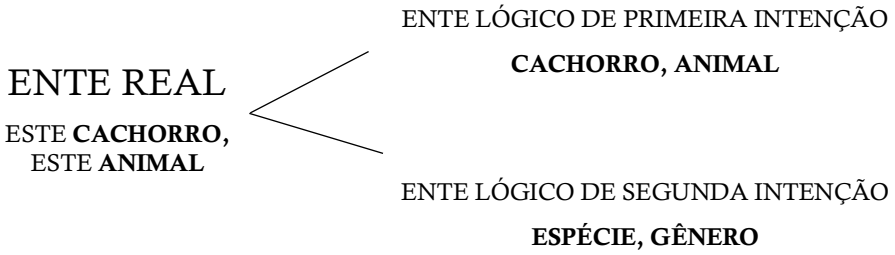
Com isto, o cão existe independentemente do intelecto humana, ao mesmo tempo que fundamenta o conceito, a definição e a ideia de cão existente em nosso intelecto. O cão, no primeiro sentido é ente real, no segundo sentido, é de razão, ou lógico.

[3] O termo vem do latim *ens*, *entis*: "*o que é, o que está sendo, o que tem ser*". Peguemos algumas palavras que explique a natureza do conceito [a palavra **servente** decorre do verbo servir, ou seja, significa aquele que serve; a palavra **docente** de *docens* (latim) que significa ensinar, logo, aquele que ensina; podemos usar a palavra **discente**, que procede de *discens* (latim) que significa aprender, logo, aquele que aprende]. As palavras terminadas com -ente, nestes casos, são flexionadas para um modo verbal chamada particípio presente (ou modal), tal como *pedinte* (o que pede), *viajante* (o que viaja), *estudante* (o que estuda).

Dizemos que são entes lógico (ou de razão) porque não são as coisas propriamente existentes na realidade, mas apenas enquanto concebidas pelo nosso intelecto. Tais entes de razão ainda podem ser considerados quanto a sua INTENÇÃO[4].

(1) INTENÇÃO PRIMEIRA, quando a consideração do intelecto projeta-se para a coisa mesma da realidade, isto é, visa intencionar, atentar-se a natureza da coisa concreta, razão pela qual chamamos um indivíduo de homem ou animal.

(2) INTENÇÃO SEGUNDA, quando a consideração se volta para si mesmo, isto é, para o conceito formado pelo próprio intelecto, razão pelo qual chamamos homem de *espécie* e animal de *gênero*.



Dito de outra forma, a primeira intenção estende sua compreensão às coisas reais ao modo de compreendê-la e conceituá-la, enquanto a segunda intenção volta-se a estes conceitos formados pelo próprio intelecto, buscando considerá-la logicamente. Com isto, ao falarmos que o homem é um animal racional, ridente e pode ser branco ou preto, estamos trabalhando com termos de primeira intenção (homem, animal, racional, ridente, branco e preto), contudo, o intelecto reflete sobre estes mesmos conceitos e buscam nomeá-las em segunda ordem, considerando-as logicamente, pelo que dizemos homem ser espécie, animal ser gênero, racional ser um diferença do homem para com os demais animais, o ridente uma propriedade comum ao homem e o branco/preto como meros acidentes, aqui

[4] A intenção vem do latim *intentio* que, por sua vez, vem do ver *intendere* que significa estender ou direcionar a alguma coisa. Caetano diz que ela tem mesma significação que atenção (*attentio*).

percebemos termos de segunda intenção (*espécie*, *gênero*, *diferença*, *próprio* ou *propriedade*, *acidente*). Veja a tabela que estabelece uma relação entre os termos de ambas as intenções:

ESTE HOMEM INDIVIDUAL

PRIMEIRA INTENÇÃO	SEGUNDA INTENÇÃO
HOMEM	ESPÉCIE
ANIMAL	GÊNERO
RACIONAL	DIFERENÇA
RIDENTE	PRÓPRIO
BRANCO, PRETO, SENTADO, EM PÉ	ACIDENTE

A lógica e seu objeto de estudo

A lógica é a arte-ciência sobre o qual o intelecto é ordenado, em suas operações, por princípios que facilitam a busca pela verdade.

— A LÓGICA COMO ARTE-CIÊNCIA

A LÓGICA COMO UMA ARTE. Há um reducionismo que muitos fazem ao reduzir o conceito de arte àquelas que já conhecemos pela pintura, música, pintura e escultura, que são chamadas de Artes do Belo. Contudo, tais artes são partes de um conjunto ainda maior que tem por definição o fazer humano exterior, ou seja, o homem, a partir de um material preexistente, dá nela mesma uma forma, um modo de ser. Um arquiteto tem materiais a sua disposição para que, a partir de princípios conhecidos, ele as instrumentalize de modo a fazer uma casa, e semelhantemente o marceneiro, tendo por material a madeira, e com princípios conhecidos, ele projeta, imprime e dá forma a alguma coisa no material predisposto. Contudo, tais coisas feitas pelo homem, são feitas visando alguma utilidade. Portanto, defina-se *própria* e *cabalmente* a arte como aquele fazer humano, por princípios conhecidos, para uma coisa externa a ele, visando um determinado fim.

Sucede, porém, que as Artes Liberais não visam um fazer externo, mas tem por fim um efeito no espírito humano. Isto

porque a ideia de arte está alinhada às competências próprias de cada agir humano, que por sua vez, alinha-se às potências da alma humana, que é tripla:

(1) *quanto aquilo que é-lhe externo*. Aqui entende-se as ARTES SERVIS, pois ordena a potência motora do homem.

(2) *quanto aquilo que é-lhe apetitivo*. Aqui está a ARTE DA PRUDÊNCIA, porque ele rege a potência apetitiva do homem.

(3) *quanto aquilo que é-lhe racional*. Aqui estão as ARTES LIBERAIS, porque conduzem a potência racional do homem.

Portanto, considerando as artes e toda a sua extensão, pode ser definida em dois sentidos, uma já dada, sentido estrito. Outra, sentido lato, tem a seguinte definição: a ordenação da razão pela qual os atos humanos, mediantes certos meios, alcancem seu devido fim.

Questão 1: dado que existe uma arte racional, seriam as outras artes não conduzidas pela razão? Responda-se negativamente, pois todas as artes, enquanto artes, dependem da razão, contudo nem todas as artes têm por objeto a mesma razão. Ora, as artes servis têm por objeto o agir externo, motriz do homem; a prudência tem por objeto o apetite humano; contudo todas estas artes têm a razão, não por objeto, mas por princípio de ordenação.

Questão 2: dado que a arte liberal tem por objeto o próprio ato da razão, segue-se que o intelecto reflete e ordena o próprio ato de sua operação? Responda-se positivamente, pois o intelecto não somente conhece os objetos extrínsecos mediante suas operações, mas pode também refletir sobre essas operações, constituindo sobre elas segundas intenções e ordenando-as segundo regras determinadas.

Portanto, a lógica pode dizer-se arte em sentido lato, ou seja, enquanto ordenação da razão pela qual os atos humanos, mediantes certos meios, alcancem seu devido fim.

A LÓGICA COMO UMA CIÊNCIA. Aristóteles vai dizer que os outros animais vivem com as aparências e com as recordações, mas compartilham pouco da experiência; o gênero dos homens, por sua vez, vive também com técnica [arte] e raciocínios [ciência]. As artes, a partir da experiência, encontra princípios universais pelo qual o marceneiro consegue fazer mesas, cadeiras e armários, o médico consegue clinicar e receitar e o arquiteto fazer casas.

A ciência, por sua vez, tende a buscar o conhecimento das coisas por suas causas e, daqui, decorre duas consequências: (1) a ciência tem um *objeto formal* de investigação. Ou melhor, toda ciência versa sobre um sujeito, assunto que quer investigar. (2) a ciência não busca produzir algo. Isto é, ela não se ordena ao fazer, ao produzir, mas a suprir, excluir e extinguir certa ignorância sobre o assunto.

E neste sentido, podemos dizer que ela é tripla:

(1) *das coisas relativas ao ente*: temos as ciências especulativas, pois estuda o ente segundo móvel [*física*], segundo a quantidade [*matemática*] e enquanto ente [*metafísica*].

(2) *das coisas relativas aos assuntos humanos*: temos as ciências práticas, pois estuda os atos da vontade humana seja naquilo que é privado [ética], ou enquanto chefe familiar [econômica], ou enquanto agente civil [política].

(3) *das coisas relativas à própria racionalidade*: temos a ciência lógica, que tem por objeto as segundas intenções dos entes de razão sob os quais o intelecto considera todas as coisas.

Assim, a lógica é simultaneamente **arte e ciência**: arte, enquanto ordenação racional do pensamento ao seu devido fim; ciência, enquanto conhecimento demonstrativo da ordem e dos princípios que regem essa mesma operação. Pode ser dita **arte**, pois ordena os atos do intelecto mediante princípios determinados, tendo por fim o pensar correto. Ela dispõe, ademais, de um material previamente dado (as próprias operações intelectuais)

sobre o qual exerce sua ordenação, conduzindo-as segundo regras determinadas ao seu devido fim. Todavia, a lógica não somente ordena essas operações, mas também considera, conhece e demonstra a própria ordem segundo a qual elas devem proceder. Distingue, assim, o raciocínio correto do falso, não apenas constatando a correção ou incorreção de um pensamento, mas conhecendo os princípios e as causas formais que tornam um raciocínio correto enquanto tal. Por conseguinte, enquanto dirige o intelecto em suas operações, é arte; enquanto conhece e demonstra os princípios e as causas dessa ordenação, é ciência.

Continuaremos a explicação da lógica quanto às suas operações na próxima aula.